

DESAPONTAMENTO DE UM SUICIDA

O generoso Rogerio, excelente amigo do plano espiritual, que, desde muitos anos, vem consagrando as melhores energias a serviço das entidades sofredoras, procurou-me para um convite.

— Queres acompanhar-me no trabalho de socorrer um desventurado suicida que sofre nas regiões inferiores, ha trinta anos?

— Trinta anos? — interoguei, admirado.

— Outros existem, nos círculos de padecimentos atroz, com mais dilatado tempo que esse — respondeu serenamente.

Por minha parte, não conseguia dissimular o assombro justo.

— Semelhantes angústias — retorqui — devem ser consequências de romance bem doloroso.

— Não tanto. No presente caso, ao lado do infortúnio, não podemos esquecer a irreflexão e a rebeldia.

A observação de Rogério espicaça-me a curiosidade.

— Gostaria de acompanhar-te, mas não me posso furtar ao desejo de conhecer alguma cousa da história desse personagem que iremos visitar.

— E' interessante — replicou-me — entretanto, não é incomum. Homens numerosos se encontram, atualmente, em suas antigas condições.

E, depois de tomar posição como narrador engraçado e otimista, começou atencioso:

— Ha cerca de trinta anos, Tomazino Pereira era empregado de uma tipografia no Rio de Janeiro. Temperamento singular e atrabiliario, jamais pudera eva-

dir-se ao círculo das lamentações estereis. Não se fazia ouvir senão para comover os interlocutores com queixas acerbadas. Lastimava-se incessantemente. Acusava o mundo, o país, o trabalho, os amigos. Em vão procuravam os companheiro injetar-lhe coragem e otimismo. O mísero estava sempre excessivamente nervoso ou irremediavelmente desalentado. A família numerosa, os deveres cotidianos, as contas mensais do armazem, açougueiro e padeiro, amedrontavam-lhe o espirito. Entretanto, a maior tragédia do Tomazino, na apreciação de si proprio, era o problema conjugal. A espôsa ignorante não o compreendia. E em vez de melhorar-lhe as condições espirituais com carinho e paciência, levantando-lhe as concepções em busca dos horizontes superiores da vida, o infeliz gastava o tempo em promessas de pancada, ameaças de separação, gestos violentos e rudes. A situação enchia os filhinhos do casal de espanto e amargura, pois o chefe da casa, em desespero, dava a impressão de um louco, sem esperança de cura. Quando não esmurrava as mesas, em furia doentia, mantinha-se em atitude de extrema desolação, apático, em prantos angustiosos. No quadro de seus afeiçoados, estava o Oscar Fraga, amigo de infancia e de luta diaria, que se valia das fases de desanimo do amigo para mais aproximar-se, tentando arrancar-lhe a alma das tempestades de incompreensão. O caso, porém, tornava-se mais complicado, dia a dia. Tomazino andava possuido de idéia sinistra. Alimentava o proposito de suicídio com preocupação crescente. No intimo, sempre considerara os que fogem ás tormentas da vida humana como criaturas privilegiadas e corajosas. Não era a melhor maneira de protestar contra o destino, retirar-se do mundo, em silêncio? Não lhe parecia a existencia terrestre enorme banquete, onde alguns se serviam dos manjares, reservando-se a outros as ervas amargas? Depôr o fardo a meio do caminho, em seu modo de ver, constituia a atitude mais consentanea com a dignidade pessoal. No fundo, acreditava na existencia de Deus, mas a cegueira de espirito não lhe deixava entregar o menor vislumbre das verdades essen-

ciais, que o induziriam á coragem indispensavel no combate comum. A' medida que lhe crescia nalma a intenção de escapar á luta, mais se sentia herói.

Percebendo-lhe tão perigosas disposições, o Fraga que era espirita convicto, aproximou-se com mais vigor, trazendo-lhe a cooperação fraternal de que dispunha. Eram mensagens de suicidas desventurados, exortações evangélicas, paginas de consolação e reerguimento moral.

— Tudo isso é fumo de ilusão — exclamava Tomazino desalentado — ninguém pôde regressar da poeira do tumulto. Creio em Deus e estou certo de que ele, mais que ninguém, compreende minha dor.

— Também eu — murmurava o companheiro, pacientemente — não ponho em dúvida o interesse amoroso do Altíssimo em nosso favor. Naturalmente entenderá nossas máguas, mas não poderá tolerar nossas rebeldias.

— E' isso! — gritava mais fortemente o infeliz — estou abandonado, tudo para mim está perdido! a desgraça colheu minha sorte, é preciso morrer. Tudo apodreceu, tudo caiu!...

E, enquanto o desventurado enxugava os olhos com o lenço, o companheiro retrucava com larga dose de bom humor:

— O nervosismo costuma também fugir á verdade. Não estás sendo reto.

— E ainda me acusas? — perguntava Tomazino, desganhado.

— Nem todas as cousas permanecem derrubadas — esclarecia o Fraga, calmamente — pelo menos esta casa, que Deus transformou em ninho de teus filhos e onde encontramos refúgio para a conversação afeituosa, ainda está de pé.

A resposta parecia suavizar os abafamentos do interlocutor, pela nota de humorismo. Depois de alguns minutos pesados de meditação, Tomazino voltava em desalento:

— Mas... e Olinda?! se minha mulher compreen-

desse as necessidades justas, talvez que a vida se equilibrasse...

— Porque não lhe auxilia a alma inculta, empenhando nisso as melhores forças do coração? — inquiria o companheiro, sensatamente. — Olinda não é má. Como sabes, a ignorancia tem arestas que é necessário desgastar. Além disso, nunca deverias esquecer que se trata da mãe de teus filhinhos. Deus não vos teria unido sem razões fortes, na estrada da vida imortal. Vejo, em tudo isso, a representação de teus débitos espirituais no passado e que se torna imprescindível resgatar.

Tomazino atalhava em tom irado:

— Não tens outro argumento senão esta história de reencarnações?

— Tenho, sim... — murmurava o Fraga, sem se perturbar.

E enquanto o outro o contemplava espantado:

— E' indispensavel que cada um saiba carregar a sua cruz redentora.

— E's sempre fecundo nos conselhos! — clamava o mísero, desesperado.

O amigo, porém, sem qualquer irritação, prosseguia de bom humor:

— Estás enganado. Este conselho não é meu, é de Jesus Cristo. Não me sinto devidamente iluminado para orientar a quem quer que seja; no entanto, creio que concordarás comigo quanto á competencia do Salvador.

A verdade, contudo, é que o Fraga sempre se retirava sem obter nenhum resultado satisfatório. Irascível, teimoso, impermeavel aos beneficios da fé religiosa, Tomazino Pereira manteve-se inacessível a todos os processos de socorro espiritual. E na idéia orgulhosa de que poderia enfrentar o proprio Deus, afim de inquerir o Criador, quanto aos enigmas do destino, uma noite tranquila, sem que ninguém esperasse, estourou os miolos irrefletidamente.

A narração movimentada levou-me a recordar al-

guns companheiros das tarefas humanas, impressionando-me, vivamente.

— Esse é o Espírito que encontraremos daqui a alguns instantes — concluiu Rogério com um sorriso generoso.

De fato, sem despendar maior esforço, descemos a uma região de sombras muito espessas. Assemelhava-se, antes de tudo, a uma grande caverna pestilenta e humida, como deveriam ser os calabouços da Idade Média. Viam-se ali criaturas estiradas, em gemidos lancinantes.

Conservando-se á distancia, Rogerio exortou-me a permanecer em sua companhia e enviou alguns auxiliares em busca do desventurado Tomazino.

O infeliz aproximou-se, de rastros. Parecia um monstro, tal a desfiguração pelo sofrimento. Observando os fluidos luminosos que envolviam Rogerio a espera-lo, o mísero supôs que defrontava um dos mais altos emissários de Deus. Enganado ainda pelas falsas concepções da Terra, começou a chorar, convulsivamente, acreditando que o Altíssimo lhe dispensava honrosas deferencias, como se fôra um herói esquecido, em revisão de processo.

— Anjo celeste — murmurou prostrando-se ante Rogério — eu sabia que Deus me faria justiça. Fui um infeliz na Terra, vaguei como cão sem dono entre aqueles que desfrutavam o banquete da vida humana; atravessei a existencia incompreendido e aqui estou, em abandono, em pavorosa caverna de martírios, aguardando a Providencia Divina...

As lagrimas caíam-lhe em suprema desesperação. O interpelado, porém, mantinha-se em serenidade impassível e disse-lhe com firmeza:

— Tomazino, esquece o vício da queixa. Não sou um anjo celestial, sou teu irmão no mesmo caminho evolutivo. Não vim até aqui para arquivar as tuas lamentações, mas para sugerir-te calma e boa vontade, atendendo a muitas rogativas dos que se interessam por tí. Não consta, no plano espiritual mais elevado, que hajás sido tão infeliz e sim que sempre foste

rebelde aos alvitre divinos, quanto preguiçoso nas realizações para a vida eterna.

O suicida experimentou indizível surpresa. Esperava que todos os emissários do mundo superior fossem portadores de uma doçura de mel. Viciado como criança necessitada e exigente, não entendia a bondade fôra dos prismas da ternura. Assustado, Tomazino assumiu atitude diversa.

— Venho para ser útil ás tuas necessidades presentes — continuou Rogério sem emoção — prestando-te este ou aquele informe que julgues necessario ao soerguimento do teu espírito.

Via-se que o choque fôra benéfico a Tomazino. Começando a compreender que a responsabilidade não dispensa a energia, fazia esforços para esquecer as velhas lamurias e enveredar por expressões sérias, condizentes com a sua posição espiritual.

— Desejaria receber notícias de meus filhos! — disse num gesto mais digno.

— Todos realizam as suas tarefas satisfatoriamente — esclareceu Rogério, generoso. Como deves saber, as obras de Deus não sofrem solução de continuidade, porque este ou aquele dos trabalhadores delibere escapar aos compromissos assumidos. Teus filhos são homens de bem, uteis á sociedade de que são parte integrante e ativa; tuas filhas, nos dias que correm, são mães devotadas e generosas. Eles confiavam em ti, quando não possuías nenhuma parcela de confiança em ti mesmo. E porque hajás fugido ao lar, desamparando-os, nunca te esqueceram nas intercessões amorosas.

— Infeliz que fui! — exclamou o suicida com acento amarguroso.

— Devias afirmar, antes de tudo, que foste tólo! Extremamente desapontado, Tomazino quis desviar o assunto e interrogou:

— Creio que tendes poder para auxiliar-me. Que devo fazer para melhorar esta situação? Sinto a cabeça tonta, sem direcção... Desejaria, pelo menos, alcançar um tantinho de saúde...

— Perguntaste bem — disse-lhe o meu amigo —

esse desejo evidencia as tuas melhores espirituais. O que te poderá restaurar a saúde e o equilíbrio é a nova aplicação de terra.

— Aplicação de terra? — revidou Tomazino assombrado.

— Sim, terás de ser revestido novamente de um corpo terrestre. No planeta encontrarás o remedio para teus males. Despedaçaste o cranio e voltarás a existir, no mundo, o cranio despedaçado. Não te faltará a medicação...

— Medicação?

— Perfeitamente — esclareceu Rogério — o idiotismo, a loucura, o desequilíbrio nervoso...

— São doenças — atalhou o suicida prontamente.

— E' verdade, Tomazino, os seres terrenos ainda não compreenderam; mas, enquanto curam as enfermidades, acabam curados por elas. Aceitas, pois, o remedio do porvir?

Reconhecia-se o pavor do infeliz, em face da indicação, mas, ao cabo de longos minutos de meditação, murmurou humilhado:

— Aceito... Quando deverei voltar?

— Quando nossa irmã Olinda estiver em condições de te receber nos braços maternos.

O suicida compreendeu e entrou em profundo silencio.

Daí a instantes, era novamente recolhido ao seu carcere de dor. Acerquei-me, então, de Rogério, admirado. Meu amigo trazia agora os olhos humidos, revelando enorme piedade e comoção. Antes que lhe fizesse qualquer pergunta, tomou-me delicadamente o braço e murmurou compungido:

— Imensa é a tragédia dos espiritos soffredores. Mas, no auxilio efetivo, é indispensavel considerar que cada doente reclama o seu remedio. A maioria dos suicidas requisita a dureza e a ironia para que possa entender a verdade. Até que se verifique a proxima experiencia terrestre, Tomazino Pereira estudará sinceramente a propria situação e não se queixará mais...

O INVESTIGADOR INCONCIENTE

O velho operario, em companhia da filha, identificou a placa brilhante no saguão do enorme edificio e galgou a escada, de olhos serenos e confiantes. Depois de bater respeitosamente á porta, atendido por distinto cavalheiro, apresentou a jóvem enferma e explicou:

— Doutor, minha filha ha muito vem apresentando sintomas perturbadores. Frequentemente apresenta-se tomada por fôrças estranhas, absolutamente incompreensíveis. Parece alucinada e no entanto patenteia o dom da adivinhação, com elementos irrefutaveis. Uma carta, um cofre fechado, não lhe oferecem segredos. Já procuramos ouvir alguns médicos, que, afinal de contas, apenas me agravaram as preocupações. Soube, porém, que o senhor é espiritista, e como já temos recorrido aos préstimos de alguns vizinhos, estou certo de que a sua ciencia nos dará a solução necessaria.

O Dr. Matoso Dupont fixou o olhar percuciente na doentinha e apressou-se a esclarecer:

— Não sou propriamente espiritista, mas um observador dos fenómenos comuns; sou metapsiquista...

O consulente, naturalmente acanhado, guardou silencio, enquanto o médico atacava a enferma numa saraivada de perguntas. E revelava, no olhar, a alegria do pescador quando fiska o peixe inocente, ou do experimentador que encontra uma cobáia preciosa. O pai acompanhava a cena com interesse. O Dr. Dupont esfregava as mãos, visivelmente surpreendido. Após cerrado interrogatorio, procedeu a experiencias com resultados positivos. Objetos, cartas, livros, fôram tra-